

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO



Redacção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: largo do Dr. António José de Almeida-NISA

TERRA BEMDITA

POR

Silvestre Figueiredo

no imenso cenário do do realça o encanto tão sin- e sugestivo das nossas e da nossa gente, harmo- lo-se à natureza e a vida a mesma doçura acolhedo- certo existirem, sem em- go, dentro da nossa querida ia, de tão variada riqueza perspectivas e graça de cos- es, regiões a que coube mais do quinhão dessas ufanias. minhoto celebra a linfa losa que lhe vivifica as ter- em pleno verão, mas essa ma linfa lhas alaga e inuti- no inverno. Vê-se estuar o io, de pletórica seiva, quan- canícula apertada, cascalhan- água pelos carregos, como ento de milhares gigantes, fartos embarrados e das ves caguias, mas quando o e a humidade imperam, es- esquálidas e mortas as suas ns, e as árvores, como pe- es chagados, estendem, esto triste, os braços nus nos oprimem. O minhoto eantar a alegria bem jus- vel do estio esplendente. o que fugidio, mas chora a 22 rstezas do longo suplicio chovas cruéis, que parece terem fim, colocando em or mingua os parques recur- do solo e compelindo à fu- ara a terra estranha. Os pos desentranham - se em es de verdes de surpreen- tes cambiantes e na gracio- arridice dos seus canteiros onta-

e alpendres floridos, mas a casa é pequena e sombria no exterior de granito desgarnecido e tismado e no interior pela tinta fuliginosa das pinhas em fôgo. Estreito é o céu, entre os montes abruptos, e pesado na espessura das núvens que em grande parte do ano o encobrem. Celebra o minhoto a pollicromia dos seus trajes femininos e o ruído descuidoso das romarias, mas são notas vivas de toda a nossa terra.

O algarvio entoa hossonas bem merecidas ao nimo asombroso dos festões das suas amendoceiras, à mansidão do

Conclue na pág. 4

O hábito de afirmar

«O homem é um animal de hábitos». Dito correntio que se emprega a toda a hora, muitas vezes sem se fazer uma idéia do sentido complexo que encerra e da extensão que no mundo filosófico, pode de facto abranger. Porque será, entretanto, o «homem um animal de hábitos» se, estou convencido, o hábito tanto pode escravizar o homem como qualquer outro mortal, desde o leão à formiga?

Certamente que a frase tem, nestes casos, uma determinante que se vai filiar no próprio hábito vicioso de a empregarmos a cada momento.

Por isso mesmo é que dese-

jamos, com expressivo realce, classificar o homem como principal domínio do hábito, esquecendo assim, num afastamento propositado, todos os animais que se deixam embalar pelos hábitos, desde o gato ao tigre, desde o elefante ao ouriço cacheiro.

O facto de um gato apreclar sopas de leite ou dormir com o dono, aos pés da cama, no quente e no fôfo, é tão habitual como gostarmos dum bom colchão ou bebermos whiskey White Horse.

Como se explicam as habilidades, quasi sempre bem confrangedoras, desses pobres animais, cães, macacos e ursos de que se fazem acompanhar os arlequins, para distração de certa espécie de público e para rendimento e cómodo dos déspotas seus detentores?

E' tudo uma questão de hábito, conseguido sempre por meio dos maiores tormentos, maus tratos a que muitas vezes não resistem as tristes vítimas, facto bem revoltante, mas que é facto, porque a humanidade está há muito «habituada» a estes acontecimentos que a envergonham e a deprimem.

Será pois, como uma espécie- Conclue na pág. 2

A Língua Pátria

2.ª Apostila

No estudo que iniciou no n.º 11 deste jornal sob a epigrafe de «Língua Pátria», o Dr. Carvalho Costa dá preferência à palavra *sematologia*, que utiliza como subtítulo desse estudo, em vez do termo *semântica*.

Deve ter sido levado a isso pelo que diz o Dr. Sá Nogueira nos parágrafos 23 e 24 do seu «Curso de Filologia Portuguesa», publicado no 1.º volume da revista «A Língua Portuguesa».

Afigura-se-me que Sá Nogueira não tem razão em preferir os termos *fonologia* e *sematologia* por *fonética* e *semântica*.

Estas duas últimas palavras são as que foram utilizadas pelos criadores da ciência dos fonemas e da ciência das mudanças de significação das pala-

avras. Tanto basta para que sejam preferíveis a quaisquer outras.

Além disso, elas são as de uso mais vulgar e corrente, como, quanto a *semântica*, confessa o Dr. Carvalho Costa. O

Conclue na pág. 2

Eleições

Passaram as eleições das Juntas de Freguesia e estamos a breves dias das de Deputados.

As primeiras deviam, pela sua finalidade, concitar o interesse e até o fervor dos eleitores, recrutados, nos termos da

lei, entre os chefes de família, visto ser delas que virá a promanar a constituição das Câmaras Municipais. Sendo estas e as Juntas de Freguesia os organismos mais em contacto com as massas populares, cujos interesses e aspirações aqueles corpos administrativos têm por dever advogar, promover e realizar, seria natural e lógico acorrerem todos os eleitores às urnas, para que delas saísse a proclamação dos mais idóneos para a gestão das cousas públicas na freguesia e no concelho.

Por que não sucedeu assim nas últimas eleições? Por deficiência do sistema? Talvez um pouco. Mas nem por isso. Não será ousadia afirmar que a indiferença, a atitude vincadamente abstencionista de grande número dos inscritos nos cadernos eleitorais, deve filiar-se sobretudo na falta de educação cívica geral.

Por mais que, nas escolas e outros centros de orientação popular, se pouha em relêvo o direito de votar, garantido pela Constituição, direito que é simultaneamente imperioso dever, as forças deletérias do meio, o comodismo e outras de-

Conclue na página 2

VULTOS NISENSES

FIGURAS CONTEMPORANEAS

Cónego Manuel da Cruz Carôlo

Entre as boas obras do Cónego Manuel Carolo há ainda que salientar o ter dado ao sacerdotio uma figura de real valor, como é o Cónego Dr. José Filipe Mendeiros.

Filho duma pobre viúva e orfão de pai, José Filipe Mendeiros encontrou, desde a infância, no Cónego Manuel Carôlo um grande amigo que o instruiu e iniciou nos princípios do Evangelho e depois promoveu a sua admissão no Seminário arquidiocesano, onde fez os preparatórios para o estudo da Teologia.

Por fim, foi também o Cónego Carôlo quem angariou os re-

ursos pecuniários para que José Filipe Mendeiros pudesse cursar em Roma, durante cinco anos, a Universidade Gregoriana, formando-se em Teologia.

O Dr. José Filipe Mendeiros é actualmente Cónego da Sé de Évora, Professor do Seminário e Director do Colégio Nun'Alvares da mesma cidade. Está à frente da Acção Católica na Arquidiocese eborense, como Director que é, do jornal «A Defesa», no qual, além do mais, tem publicado artigos de «polo-gética (no sentido amplo do termo) e alta cultura católica.

Conclue na pág. 2

Tribuna livre

A virtude, o bom senso e a consciência

A virtude é o conjunto de predicados que tornam o ser humano moralmente perfeito. Casos raros, bem entendido. Cã está o conceito popular a confirmá-lo:

«Tirante um ou outro próbo
«E uma ou outra virtuosa.
«O homem de hoje é um lóbo
«E a mulher uma raposa...

Não obstante, todos nos julgamos as melhores pessoas deste mundo, fugindo de vêr os próprios defeitos para exagerarmos os alheios.

Nada se faz, claro está, sem o «consenimento da consciência... Mas o homem arranja sempre razões de sobra para ficar de bem como seu foro íntimo de sorte que a consciência é, afinal de contas, como que um saco extremamente elástico onde tudo vai cabendo...

Disto resulta a pouca vóga dos livros de moral, feitos não para nós mas para os vizinhos aprenderem o que não sabem! Ou Descartes não tivesse escrito, no célebre «Discurso sobre o método», que o bom senso é de tudo o que melhor anda reparado pelo mundo: quando se fala de aumentá-lo, todos julgam ter bastante! Isto diz-se também por outras palavras a saber que o senso a que se chama comum é uma das coisas raras que nos é dado encontrar...

Mas voltemos à virtude: Como o sal na comida, de indispensável que se torna, estraga quando é demais «*fautce qu'iel, faut, pas trop n'en faut!*».

Uma megêra, fazendo-se passar por virtuosa, que mal diz da sua rival que sabe ser atraente, além de antipática, comete um excesso repreensível.

E não lhe fica atraz um tarfufo, de quem a falsa pudicícia repele, criticando o amigo mais desempoeirado que cria em torno de si uma ambiência de cordialidade.

Há portanto qualquer coisa mais intolerável do que a falta mascarada de virtude ou o seu falso exagêro: é a maledicência fundada em inofensivos atropêlos à virtude (... «*pas trop n'en faut!*»), praticada por aqueles a quem faltam as qualidades para não serem virtuosos.

Lx. 17-X-45.

X.

Quadras Populares

— Não te rias de quem chora,
Que podes chorar também;
Quem chora também se ria
Dos males que agora tem.

— Ó meu amor, se quiseres
Tôda a vida viver bem,
Hás-de ouvir, há-de calar,
Não dizer mal de ninguém.

ANTOLOGIA

A Mãe

por COSTA ALEGRE

Há fogo numa casa, à beira do caminho.
O bom povo da aldeia em ondas se aglomera.
Com medo vão fugindo as aves para o ninho.
Aumenta mais e mais a subida cratera.

Ouve-se uma voz rouca, em tom desesperado:
— «Oh! Salva-te mulher! E' livre ainda a porta.
Não sejas avarenta: o colre pouco importa,
todo o valor que tinha eu tenho aqui guardado».

Branca como um fantasma, aflita, desgrenhada,
lá surge uma mulher daquela enorme chama,
levantando nas mãos o seu filhinho loiro,

que mostra à multidão atônita, pasmada;
e, fitando o marido, altivamente exclama:
«Sou avarenta, sou! Contempla o meu tesouro».

O hábito de afirmar

(Conclusão)

cie de fraseado enfático que se afirma a toda a hora que «o homem é um animal de hábitos», forma bem compreensível e exteriorizante duma outra afirmação mais perfeita e completa:

O homem é um animal que deixa vencer quasi sempre, a inteligência pelo hábito. Em tudo, nos mais variados sectores da actividade é o hábito que se sobrepõe, apresentando-se com o tom sereno e próprio de quem está habituado. Não se trabalha porque não há hábito; não se estuda também por falta de hábito e em contra partida, quasi com o equilíbrio de pesos iguais em balanças aferidas, qualquer se habitua às mais solenes e perentórias afirmações. Assim, não se torna indispensável para muitos acrobatas do circo da vida, queimar as pestanas ou fritar os miolos; basta unicamente terem-se habituado ao heroísmo de afirmar.

Eis o terrível suzerano dos homens: o «hábito». Ele é senhor dos maiores feudos, titular das mais latas prerogativas, porque usa do chicote que sujeita e dos dentes anavahados que dilaceram, há tantos milhares de anos, esta pobre humanidade, serva dos hábitos, escrava de si própria.

A cada passo um exemplo: «Marrocos é o país dos mouros; «Hawaii, a região do amor» e outras tantas afirmações balofas que há força de tudo quererem explicar, não explicam rigorosamente nada.

E' uma tristeza tudo isto. «Os meridionais são os únicos poetas de sentimento profundo e capazes de melhor sentir e exteriorizar as emoções».

«A chaque pas, un chant», afirma Michelet; a cada instante uma prova, garantimos nós, sem receio de contradita.

Procuo numa velha Antologia inglesa os poemas de Longfellow e deparo com trechos de elegante inspiração, elemento bastante para reduzir ao silêncio os «hábitos» mais agressivos e as ignorâncias mais com-

pletas. A fluência do verso, a sua naturalidade e expressão, a aguarela magistral do quadro descrito e o doce e profundo sentimento que revela, criam em nós um estado de emoções tão elevadas e serenas que nos obrigam a intimo recolhimento de alma, sentindo a mão de Deus.

«O homem é um animal de hábitos», expressiva maneira de distinguirmos os espíritos requintados e as ignorâncias brutais.

ABEL MONTEIRO

Vultos Nisenses

(conclusão)

revelando ampla e segura informação em vários campos do saber humano, — nas ciências sagradas como nas profanas. Os seus méritos intelectuais e morais fazem prever que a Igreja o chamará um dia para mais altas funções da hierarquia eclesiástica.

Anda presentemente o Cônego Manuel Corôlo empenhado, de todo o coração, numa obra a que poucos se abalançariam.

Tendo visto ruir a igreja da sua freguesia no dia 8 de Outubro de 1940, em vez de cruzar os braços numa atitude de impotência ante as dificuldades que nestes tempos calamitosos surgem a tais empreendimentos, logo se pôs em campo com toda a sua actividade de homem de acção e com todo o seu zelo de sacerdote, para reerguer dos escombros o belo templo.

Assim, obteve já recursos pecuniários que montam a 135 contos, além das participações que conseguiu do Estado.

A sua pertinácia que não conhece impossíveis, a sua energia de aço que sabe superar todas as dificuldades, o seu espírito de iniciativa, a sua capacidade de realização, hão de triunfar decisivamente, e a sua

Recordar é viver!

ABRIL DE 1908

ELEIÇÕES

Foi o seguinte o resultado das eleições de deputados nas três assembleias deste concelho:

Regeneradores: Mário Monteiro, 929 votos; Visconde do Reguengo, 847; José Rebelo, 791.
Progressistas: Lourenço Caiola, 582; Visconde de Olivã, 595; Vasconcelos Abranches, 325.

Governmental: Teixeira Judice, 534.

Republicanos: Abílio Ferreira, 160; Eusébio Leão, 176; Caldeira Queiroz, 160; João Moraes, 160.

Franquista: Coelho de Magalhães, 210.

Nacionalistas: Fernando de Sousa, 5; Caldeira Rebôlo, 12.

MAIO DE 1908

ACLAMAÇÃO DE D. MANUEL II

No dia 6, por motivo da aclamação do novo rei, houve várias manifestações de regozijo.

De manhã ao meio dia, replicaram os sinos das torres das duas freguesias e estralejaram os foguetes.

A's seis horas, saiu a filarmónica nisense em direcção aos Paços do Concelho, onde executou o Hino da Carta ao ser arvorada a Bandeira do Município. Levantaram-se alguns vivas. Em seguida, a mesma corporação percorreu as principais ruas da vila, sempre acompanhado de muito povo.

De tarde a Câmara reuniu em sessão solene, de cuja acta, em que se expressaram as congratulações da edilidade e os votos pela felicidade do monarca, se enviou cópia a sua Magestade.

A's nove horas da noite houve arraial na Praça do Município.

Depois do arraial, que terminou pelas 11 horas, organizou-se um baile na sala das sessões da Câmara, que decorreu muito animado até de manhã.

JUNHO DE 1908

COMEMORAÇÃO DA GUERRA PENINSULAR

Para comemorar o primeiro grito de revolta, que a cidade invicta soltou há um século contra os franceses invasores, mandou a Câmara que repicasse os sinos das duas freguesias ao meio dia e à noite, convidando os munícipes a iluminarem as fachadas das suas casas e a filarmónica nisense a tocar pelas ruas e na Praça do Município.

Nas escolas, por determinação superior, os professores preleccionaram sobre a guerra peninsular.

igreja há de ressurgir mais bela, mais magestosa, mais imponente do que era dantes.

A conclusão de tal empreendimento será como que a coroação de toda a sua obra: — após a «difusão das almas, a edificação dum magnifico templo em cujas naveas há - de pairar, para sempre, o espirito daquele que o reergueu das ruínas!»

(Continua)

DIAS LOUÇÃO

Eleições

(Conclusão da 1.ª página)

terminantes inibitórias ou negativas, tornam improfiáveis todos os ensinamentos e nulos todos os clamores.

Sempre assim tem sido e não sei se alguma vez deixará de ser. Em Portugal, pode dizer-se sem reboço, jamais se realizaram eleições com aquela lisura, isenção e dignidade, que devem ser apanágio de tão excelso acto de civismo.

Parece que a nossa psicologia não comporta a estrutural formação do povo inglês e norte-americano, para os quais o acto eleitoral, como se viu recentemente, é sempre a preocupação máxima, o dinamismo propulsor dos mais ardorosos movimentos de patriotismo. Nesses povos de adiantada cultura e íntegra conduta moral, o eleitor procura, primeiro do que tudo, conhecer o valor e virtualidades dos diferentes candidatos, e estes, por sua vez não se poupam a esforços para pôrem em evidência o programa da sua actuação nos diversos departamentos dos serviços públicos. E só depois destas demarques é que, livre, desinteressada e conscientemente, vai votar.

Fez-se alguma vez isto em Portugal? Algo se tem tentado e bastas vezes desceram no tablado dos comícios ou à mesa das conferências caudilhos de renome, uns trazendo no verbo o ardor do ideal, outros movidos apenas pela febre do sectarismo.

Como corresponde depois o eleitorado a tais exortações?

Alguns ouvem, mas não se movem. Outros vão acorrentados às urnas pelo bridão das

dependências: amizade, gratidão ou gratidão para com fluentes políticos das nuances. E há, por último, que, mercê da sua mala morada formação cívica, cabeça para pensar por consciência insubornável.

Como estes é que todos veríamos ser. E só quando fôr possível, teremos as livres, isto é, eleições a povo, consciente da sua dignidade de eleitor, acorramente sem ser necessário digar-se o voto e sem interesse que não seja o de fiar aos mais competentes e mais dignos a sua representação na Assembleia Legislativa ou nas autarquias locais.

Em geral as eleições do sempre causa próxima dissídios em vez de pouca convergência de patriotismos e legítimas aspirações da comunidade.

Para divisões internas, rivalidades mesquinhas, nos o rastilho das malocas e antipatias pessoais queiramos com ele atengueira dos odios políticos, cujas chamas alterosas consumir-se ingloriamente nacionalidade.

De olhos fitos na grandeza da Pátria, devemos todos, como irmãos, nã-la cada vez maior e

E, para isso, muito buirá o cumprimento dos nossos deveres civis, tre os quais ocupa lugar preeminente o de votar livre e conscientemente.

ÁLVARO SEM

Anunciem no «CORREIO DE

A LINGUA PÁTRIA

(CONCLUSÃO)

próprio Sá Nogueira reconhece também que elas são mais da simpatia dos glotólogos.

As razões por que prefere fonologia e sematologia a fonética e semântica, são as mesmas por que prefere glotologia a glótica, ou seja por se tratar de formas adjectivas que, por isso mesmo, entende não se devem adoptar para designar as ideias substantivas que se lhes atribuem.

Mas, — e o mesmo Sá Nogueira o reconhece, — é corrente na lingua pátria o fenómeno da substantivação de adjectivos. Demais, sucede que, como ensina Darmesteter em «La Vie des Mots», 3.ª edição, parágrafo 14, — todo o substantivo começa por designar o objecto por uma das suas qualidades, sendo portanto um adjectivo qualificativo; depois é que deserta no espirito a imagem total do objecto, tornando-se então substantivo. E, assim, a obliteração da significação etimológica é a condição necessária da formação do substantivo.

Quer isto dizer, como mais

explicitamente esclarece o filólogo, que a lingua mina os objectos designados por uma das suas qualidades e nos primeiros tempos destas qualidades, tam no espirito primeira a imagem da qualidade, subsidiariamente a do objecto, mais tarde não despende a ideia do objecto.

Podem mesmo suceder, acentua ainda Darmesteter, cit. § 24, que na evolução da lingua o adjectivo desapareça tal e não se mantenha senão no substantivo que duziu.

Pondere-se ainda que guém se lembrou até mudar o nome de certas coisas, como a botânica, a mática, a física, a mecânica, a óptica, a acústica, etc., de serem formas adjectivas.

Em conclusão: o termo «glotologia» é preferível a «fonologia» e a quaisquer outras lavras formadas da mesmgrega, como «semasiologia» ou «semiologia».

DIAS LOU

Anúncios—1500 cada linha, segundo o linômetro de corpo B. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—\$50. Números atrasados: 1\$00. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26\$00 continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portos. Não se restituem finais quer sejam ou não bilhados. — Toda a colaboração para o jornal é solici-

Terra bemdita (CONCLUSÃO)

seu mar rico de espécies lictológicas, à suavidade dum clima sem inverno, à magestade das serranias, ao pitoresco tão atraente das chaminés rendilhadas e do cubismo urbano que nos avisa da proximidade da Africa, valores estéticos completados pela vivacidade transbordante do seu temperamento falador e activo. A terra, porém, não basta ao sustento, a sua gente, incerta entre o mar e os campos, também sai à busca de arrimo na grandeza e generosidade doutras paragens.

Só o Alentejo congloba, no seu seio, a beleza e a fartura, o repasto dos espíritos ávidos de contemplações extáticas e o pábulo succulento dos mais pro-saicos que podem encher o estômago presos ao lugar onde nasceram.

O Alentejo é o estimulante desafogo da incomensurabilidade dos horizontes, onde o limitado do céu e da terra se casam num abraço de apaziguante serenidade. Nêle nos seduz a diafaneidade do ar puríssimo, batido dos ventos que soltos vagam na vastidão dos espaços. Cemovemos as tintas irisadas dos arrebóis distantes e a inoponência do céu estrelado, que a planície amplamente escancara.

Nos campos, gozam-se os prados intermínios de boninas, papollas e açucenas, quais ricos tapetes que os pés se doem de macular. Absorve-nos, nêles, o deleite das extensas searas, ondulantes mares de esmeralda na Primavera, ricos oceanos de ouro, pela cor e pelo valor dos seus frutos, quando o sol de Junho as tingiu de amarelo.

O verde dos nossos milhais, que carregam combóios, das nossas vinhas, que enchem milhares de pipas de precioso néctar, de tôdas as fruteiras engrinaldadas e prenhes de pomos das mais divergentes matizes, desfazem a lenda do zurreiro inhóspito e não deixam que seja menos legítimo, do que em qualquer outra provincia, o orgulho de tal cenário.

Nada nos falta da flora estranha e temos mais, como dádiva quasi única, os imensos sobreirais e azinhais, imprimindo, na aurifulgência da nossa luz tão clara, uma nota de gravidade solene, as duas árvores amigas e protectoras, fonte de duas das principais riquezas nacionais.

Entre nós, tudo alenta. Com a magestade da paisagem se combina o casario. Ao negro, acanhado e fétido casebre rústico doutras provincias, surgindo aos meus olhos estranhos, como túmulos, opomos nós a casa ampla, alegre e saudável, mesmo entre os campônios, onde o bom ar e a copiosa luz fazem grata companhia, onde tudo rebulha de limpeza, desde

a brancura imaculada do poial da entrada à lareira que o fumo não consegue escurecer, desde os pavimentos bem lavados aos estanhos e «amarelos» bem luzidios, podendo dizer-se da mulher alentejana, como Ramalho dos holandeses, que «é possessa do demónio na esfrega».

As nossas povoações, ao contrário das serranas, nada têm de exíguo. Não se contorcem no acanhado e declivoso espaço das encostas, em vielas imundas e sombrias, com mato encharcado e nauseabundo, mas estendem-se à vontade na planura que os envolve, embelezando-se de grandes largos que os tornam higiênicos e atraentes.

Depois, não nos falta a alacridade das côres vivas da indumentária rural, copiada dos matizes florais, não nos falta a superioridade da nossa arquitectura, nem acesso encaminhador da torre branquinha convidando à espiritualidade, nem as romarias como válvulas para o fastio desta vida atribulada, nem os coros e cantares de perfeito timbre juvenil, nem as danças revoltas como turbilhão de ciclone a sacudir o sangue amolecido.

Quanto melhor conheço, em pormenores de análise, as outras provincias, mais alto sobe, no meu coração, a honra de ser alentejano, filho desta terra de aberta claridade, tão aberta e franca, como aberta e franca é a alma de quem vive no meio de tanta luz.

A férias

Têm-nos dado o prazer de seu amável convívio o Sr. Joaquim Roma Alves de Sousa, digno gerente do Banco Nacional Ultramarino, em Portalegre, que aqui veio passar as férias, acompanhado da Exm.^a Esposa; e o Exm.^o Sr. Pedro Miguéns, funcionário da Agência do Banco de Portugal, naquela cidade

Noticiário de Alpalhão

Com numerosa assistência, teve lugar no último sábado e na Sêde da Casa do Povo, uma sessão de propaganda eleitoral presidida pelo Exm.^o Sr. Governador Civil do Distrito. Os oradores foram muito aplaudidos.

—Pelo acto eleitoral, realizado no último Domingo, foram eleitos para a nova Junta de Freguesia, os Srs.: João Mourato Peliquito, Joaquim Andrade Costuros e José dos Anjos de Bastos, para efectivos e João Maria Caldeira J.^o Manuel Lopes Rijo e Romão Fernandes Poupino, para suplentes.

Que a nova Junta seja útil à sua terra, são os nossos desejos.

Notícias de Arês

«OS GATUNOS»

Na noite de 26 para 27 do corrente, os meliantes entraram, por arrombamento, no estabelecimento da Sra. D. Aida da Luz Correia, levando camisolãs, meias e mais fazendas, no valor de 2.000\$00 e em dinheiro 300\$00. Foram surpreendidos pelo sobrinho da proprietária do estabelecimento, quando penetravam no seu quarto. Aos gritos do rapaz, conseguem fugir, deixando na debandada uma bolsa que continha parte do roubo, dois pares de botas e os ferros que serviram para o arrombamento. As autoridades andam investigando o caso.

—Realizaram-se no pretérito dia 21, em Arês, as eleições dos vogais para a Junta desta freguesia. Decorreu tudo normalmente, não havendo oposições, ficando a nova Junta assim constituída: — Efectivos: Francisco Jorge da Rosa, João Clisante de Sousa, e João da Luz Fazendas

Suplentes:—Joaquim Felício Ventura, António Fernandes Ferro e Victorino da Luz Cactano.

—Vindo do Brasil, nonde se encontrava há 17anos, chegou a esta localidade, onde vem repousar alguns meses, o Sr. José Pereira Mendes, acompanhado de sua Exm.^a Esposa Sra. D. Maria de Nazaré Cardoso Mendes, e filhos.

Os nossos cumprimentos e felicitações de boas vindas.

—Depois da longa estadia de que tanto se tem falado, pois imensos prejuizos causou, surgiu a chuva, recebida com intensa alegria pelos habitantes desta freguesia de Arês, e na maioria lavradores, por verem salvas muitas culturas e por poderem iniciar as suas sementeiras e plantações.

—Mudou recentemente a sua residência para Lisboa, onde, parece, se vai dedicar ao ramo industrial, o nosso presado amigo Sr. Carlos de Carvalho Costa, Lavrador e proprietário desta localidade.

Foi verdadeiramente sentida pelo povo, por quem era muito estimado a sua retirada. Desejamos ao Sr. Carlos Costa, esposa e filhos, muitas prosperidades.

Imprensa

Consta-nos que reaparece brevemente o jornal de Serpa, segundo um recamo que recebemos, «Terra Alentejana».

É um semanário republicano, defensor da notável e histórica vila de Serpa. É seu Director e Proprietário — Tomaz Gomes Ciriaco.

Máquina de Costura

«SINGER» — Vende-se em completo estado de nova. Modelo secretária. Nesta redacção se diz.

Preço do gado suíno

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários pede-nos a publicação da seguinte informação:

O Conselho Técnico da 1.^a secção — Produção e Comércio de carnes — reunido, no dia 19 do corrente, com a mais larga representação da Lavoura e entidades interessadas, resolveu, por unanimidade, propor a Sua Excelência o Ministro da Economia, a tabela de preços a seguir indicada de gado suíno gordo da próxima montanha à qual Sua Excelência, por despacho de 20 do corrente, se dignou dar o seu acôrdo:

Porcos de 80 a 100 kgs. de peso vivo—207\$00 por arrôba do peso liquido (b).
Porcos de 101 a 115 kgs. de peso vivo—204\$00 (idem);
Porcos de 116 a 140 kgs. de peso vivo—201\$00 (idem);
Porcos de 141 a 150 kgs. de peso vivo—204\$00 (idem);
Porcos de mais de 150 kgs. de peso vivo—207\$00 (idem);

Observações: — a) Estes preços entendem-se para o gado entregue na origem, pesados com 24 horas de jejum, na estação mais próxima.

b) Os descontos a considerar para efeitos de cálculo de peso liquido são os seguintes:

Até 100 kgs. de peso vivo — desconta a quarta parte.
Mais de 100 a 115 kgs. de peso vivo — desconta 3,5 kgs. por arrôba.

Mais de 115 kgs. de peso vivo — desconta a quinta parte.

c) Mantêm-se os preços actuais de revenda na indústria dos produtos de salchicharia e os de venda ao público em Lisboa, dos produtos e da carne de porco.

Dr. Adolfo Bugalho

O Exm.^o Sr. Dr. Lahmeyer Bugalho agradece-nos nos termos mais cativantes as justas referências que lhe fizemos, Nada nos deve, porque «suum cuique»...

«O Castelovidense»

«O Castelovidense» nosso prestigiado confrade, refere-se ao «Correio de Nisa» nestes termos cativantes:

«O nosso muito prezado colega «Correio de Nisa» por ocasião da importante feira realizada há dias na quella vila, nossa vizinha, publicou um numero de oito páginas, de boa colaboração e illustração.

As nossas felicitações ao Senhor Dr. Abel Monteiro, prezado amigo que todos nesta casa muito estimamos e apreciamos.»

Ficam registadas estas palavras amigas, a juntar a tantas outras que, «ex cord» muito agradecemos.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

A uma boa pequena

Artur de Sousa C. autor dos «Sonetos e Libertinos», ref. à pequena imprensa termos curiosos:

«Acolhedora, benevolenta de magnânimos rasgos comprova da hospitalidade e de muita grandeza, ma, vivendo muito do piritó e para o Espiritó para ela os meus mais agradecimentos e cetero reconhecimento muito que lhe devo, boa, generosa e inextinguível pequena que é a na Imprensa.»

Notícias de Monte

Decorreu com grande ênfase de eleitores a Assembleia Eleitoral da Freguesia de Matias deste concelho tendo-se apurado pela de votos os seguintes cidadãos:

Efectivos: — Presidente António José Pereira de S. Medo; Tesoureiro — Res Ramalhetes;

Suplentes:—1.^o Vogal Correia; 2.^o Vogal — Joaquim Medo Cardoso;—3.^o Vogal Naldo da Luz Pereira.

Grémio da Lavoura CONCURSO

Faz-se público, para todos os efeitos, que se abriu concurso para o chimento do lugar de -livros deste Grémio, vencimento mensal de 500 e cinquenta escudos.

Os candidatos devem apresentar os seus requerimentos devidamente instruídos com documentos comprovativos das suas habilitações literárias do serviço que, por ventura prestado em outros organismos similares comércio, nesta secretaria dias úteis, desde o dia corrente mês até ao dia próximo mês de Novembro.

Os candidatos admitidos serão prestar provas, neste organismo, em 21 do referido mês, vembro, pelas 14 horas seguinte programa:

ARITMETICA—Propriedade. Regra de mistura médio. Percentagem simples. Descontos. Juros postos. Câmbios. Correntes.

CONTABILIDADE— sua classificação e movimentação. Saldo de execução das quatro leis de lançamentos. Classificação dos livros de conta. Erros e sua correção. Inventário e balanço. Invenção dos saldos das de um balancete do livro de zação. Consignações. Práticos de contabilização um balanço. Interpretação um balancete. Inventário permanente e determinação de custo de mercaderias. Apreciação de desenvolvimento de contas de exercicio. boração de orçamento e fiação das despesas orçamentais. Prova de redacção.

É obrigatória a apresentação do bilhete de identidade dos candidatos no acto de

Nisa, 18 de Outubro de 1919.
O Presidente da Direcção
José Augusto Francisco